

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 26 de fevereiro de 2014**

- *Parsifal (Canzone dell'ideale)*
- *Witness*

Glória

Carrón: Tínhamos deixado uma pergunta para o nosso trabalho: “Quem é Jesus?”. O que conhecemos a mais de Jesus trabalhando sobre o oitavo capítulo? Esta não é uma pergunta retórica, que se coloca no início e depois se esquece, porque todo o capítulo fala dessa pergunta, não há sequer uma linha que não fale dessa pergunta. Ao mesmo tempo, não apenas recoloco a pergunta, mas reforço a dose: como o trabalho sobre este capítulo, e aquilo que conhecemos de Jesus nos permite enfrentar e julgar os desafios que se abrem diante de nós, que a sociedade, a cultura, a legislação estão colocando diante dos nossos olhos? É possível estar dentro das circunstâncias, dentro desses desafios – com toda dramaticidade que tais questões introduzem na vida – com a luz que irradia da Escola de Comunidade? Ou a Escola de Comunidade, no fundo, é uma coisa intimista, que não serve para enfrentar os grandes desafios antropológicos e éticos que a sociedade debate hoje? São as questões às quais devemos responder a partir da segunda parte do capítulo, como fizemos com a primeira parte.

Começo com uma pergunta que me foi feita: “Fiquei muito provocada com a pergunta que você colocou muitas vezes durante a Escola de Comunidade: como respondemos à pergunta ‘Quem é Jesus?’, como cada um de nós, durante este mês, respondeu à pergunta ‘Quem é Jesus?’ [não de modo abstrato, tendo como ponto de referência este ou aquele fato, mas realmente fazendo a Escola de Comunidade]. Toda vez que você a repetia, sentia o coração saltar e desejava com todo o meu ser tentar dar uma resposta. Falo de Jesus com muita frequência, falo com Ele, mas não consegui responder a essa pergunta, e isso não me deixa tranquila. Durante este ano, muitas vezes O vi em ação, O reconheci e O experimentei... no início, de fato, eu era muito cínica e hesitante, mas dizer ‘Sim’ a Ele nos faz mais felizes. Intuo que a minha felicidade consiste em me abandonar a Ele, mas se eu não sei responder à pergunta ‘Quem é Jesus?’, como pode ter um fundamento, um sentido todo o resto?”.

Outra pessoa diz a mesma coisa: “Saí da Escola de Comunidade impressionada com a pergunta sintética que você fez no final: ‘Este capítulo deve fazer com que nos perguntemos *Quem é Jesus?* e se O estamos conhecendo melhor’. Parece uma pergunta quase elementar, mas a resposta não me vinha à cabeça [no entanto, é a primeira pergunta que Dom Giussani faz! Olhem que podemos fazer Escola de Comunidade negligenciando o ponto fundamental do capítulo. Por isso, se não levamos a sério este ponto, podemos até dizer coisas muito bonitas sobre o capítulo, mas ele não é compreendido como Dom Giussani o concebeu]. Estava completamente fragmentada, tentando entender individualmente cada uma das passagens do capítulo e me parecia até que eu me comparava, mas a sua pergunta me recolocou em um diálogo amoroso. Enquanto voltava para casa, me perguntava: ‘Quem é Tu, Jesus, para mim?’. Lancei a pergunta na esperança de vê-la na realidade. Nosso grupo de Escola de Comunidade nos pediu para nos prepararmos para as reuniões tendo presente estas suas palavras: ‘Um raciocínio abstrato não é o que faz crescer; o que faz expandir a mente é encontrar, na humanidade, um momento de verdade que se alcançou e ao qual se deu expressão’. Voltei ao mesmo ponto. Nisso, eu sou mestre! Sinceramente, eu faço Escola de Comunidade, mas quantas vezes me perco em raciocínios perfeitos que me distanciam. Mas, eu, onde estou? É terrível não ter um olhar sério e amoroso para comigo mesma, mas normalmente é assim. Lendo o texto da Escola de Comunidade, quando li sobre o olhar com o qual Jesus me olha e me ama, fiquei ali tentando tirar de mim a melancolia. Sentia-me triste e ‘amputada’. Depois, um dia, aconteceu uma coisa que eu jamais teria pensado. Como todos os dias, minha filha Letícia, de treze anos, voltou para casa depois da escola. Sentamo-nos para o almoço, junto com seus outros irmãos. Estranhamente ela domina a conversa (normalmente é muito quieta) e conta que a

professora apresentou à classe o poeta Leopardi. Vai até o quarto, pega as poesias e lê alguns trechos. Os irmãos mais novos logo se cansam, e saem. Assim, ela ganha mais espaço para se expressar. Tenho uma grande paixão por minha filha. Ela tem um temperamento radiante, mas também ‘triste’. Muitas vezes, ela é uma referência para mim. Aprendi muitas coisas com ela. Em suma, é uma grande riqueza tê-la conosco. E, assim, lê, e fala espontaneamente sobre as coisas ditas na sala de aula. Diz, de cor, esta frase: “Quem ama muito, mas não é amado é destinado a viver a falta”. Então entendi que o Leopardi apresentado não era só o de *Il Sabato del Villaggio*, mas que a professora tinha se aprofundado sobre o coração de Leopardi. Então, perguntei a ela: ‘Por que você gosta tanto dessas poesias e por que está me contando essas coisas?’. Não consigo esquecer o que ela disse, e permeia todos os meus dias. Ela respondeu: ‘Porque ele é triste e isso faz com que eu o sinta próximo; mas ele é triste demais. Não se pode viver assim a vida toda. Estou lhe contando isso, mãe, porque você é uma grande ‘brincalhona’, mas quando olho para você percebo que é melancólica; e isso me agrada muito’. Fiquei sem palavras. Um pedaço da realidade explicava a própria realidade e do que eu sou feita. Tinha encontrado, na minha humanidade, ‘um momento de verdade que se alcançou e ao qual se deu expressão’, que nenhum pensamento perfeito meu saberia reproduzir”. Uma mãe se dá realmente conta de quem é, de quem é como pessoa, porque se vê diante de uma filha que a faz entender as coisas melhor do que todos os seus raciocínios, e isso é possível porque aconteceu algo à filha que a torna capaz de olhar para a mãe desse modo. E a mãe pode sentir-se novamente consciente de si. Por quê? Só o divino salva as dimensões humanas. Podemos reconhecer que estamos conhecendo Cristo não porque fazemos um discurso sobre Ele, mas porque faz com que nos tornemos nós mesmos.

Outra amiga me disse: de que maneira a familiaridade com Cristo não é um intimismo? “Pergunto isso porque o desejo contínuo que tenho dessa familiaridade [intuímos que há algo nessa familiaridade que é crucial para a vida, mas muitas vezes nos vem a preocupação, a suspeita de que este falar de Cristo seja intimista, que não seja verdadeiramente real] é bem explicado por Dom Gius em uma palestra de 1982 que se intitula, exatamente, *A Familiaridade com Cristo*. Ele diz que a familiaridade com Cristo, ‘é como se precisasse passar um vento despojando-nos de tudo aquilo que somos; então, o coração torna-se novamente livre, ou melhor, torna-se livre: continua a viver na carne, isto é, erra como antes, mas é como se uma outra coisa tivesse entrado no mundo’. Esta é exatamente a maior experiência de liberdade que eu faço. Realmente preciso que Ele me liberte daquilo que sou para me renovar como consciência. Todos os dias, peço para que isso possa acontecer e nem sempre é tão fácil e imediato, mas não posso deixar de desejá-lo. Ainda assim, porém, eu não sei o que pedir à companhia [veem qual é a problemática em que nos afundamos?]. Mesmo tendo esse desejo, às vezes sinto-me tão estranha – inclusive com as pessoas que mais amo – que me pergunto se não estou um pouco fazendo tudo por conta própria, porque nunca senti uma estraneidade assim em todos esses anos de Movimento. O mais grave é que essa ferida não cicatriza, mas se aprofunda, e frequentemente tenho medo de já ter deixado o Movimento. Fazemos gestos bonitos onde é evidente que o nosso coração fica feliz, mas depois, me parece, isso não se torna um juízo a ponto de me fazer caminhar mais em direção àquilo que o nosso coração deseja. Então, pergunto: para você, como a companhia ajuda nesse nível de familiaridade com Cristo? Como a companhia é caminho para você?”. Quer dizer, por que a familiaridade com Cristo não significa intimismo? Para mim, a companhia ajuda a viver uma familiaridade com Cristo porque sempre me provoca, mesmo quando não consegue vivê-la na sua verdade, mesmo quando se opõe; também quando estou diante de questões que me provocam, a companhia sempre me coloca no caminho da busca.

Recentemente, escutando a liturgia (que é uma “escola”), dei-me conta de duas coisas. O evangelho narra a ida de Jesus a Nazaré e diz que todos ficam admirados. Pode parecer que a presença de Jesus facilite às pessoas entrar nessa familiaridade com Ele e, portanto, no mistério da Sua pessoa. E a pessoa diria: “Vê? Este me faz companhia”. Mas o que impressiona é que eu posso não seguir aquela pessoa que provoca em mim essa admiração, para ir em busca das razões adequadas dessa admiração. E então, ao invés de seguir essa admiração para entendê-la cada vez mais, começa a diminuição do empenho com a admiração provocada por aquela presença, e a pessoa diz, como

refere o evangelho: “Não é este o filho do carpinteiro?”. É uma pergunta já carregada de ceticismo. Não é a pergunta daqueles que se aproximavam cada vez mais de Jesus e que diziam: “Quem é este?”, que era uma pergunta verdadeira, porque quanto mais Ele se fazia presente, mais eram solicitados a buscá-Lo. Ao contrário, a outra pergunta, “Não é este o filho do carpinteiro?”, não é verdadeira. E o texto termina: “E ficaram escandalizados com Ele”. Aquela companhia era dada para uma familiaridade e, para alguns, tornou-se um obstáculo, um escândalo.

E a segunda coisa que descobri através da liturgia foi que a modalidade com a qual a companhia nos provoca pode ter um rosto totalmente diferente: ao invés de uma admiração, uma maldição. Davi retorna da guerra, vem alguém da tribo de Saul e começa a maldizê-lo (o rosto da companhia é totalmente outro, aqui é uma maldição, não admiração), e todos os companheiros de Davi começam a dizer: “Não permitamos que este cão continue latindo, acabemos com ele”. Essa é a reação. Mas Davi diz: “Se o Senhor lhe disse para latir, para me maldizer, se lhe permite me maldizer, quem somos nós para impedi-lo?”.

A companhia, a modalidade com a qual a companhia pode vir ao meu encontro, que me introduz à familiaridade com Cristo, pode ter um rosto ou outro. O problema é se eu, diante da modalidade com a qual a companhia vem ao meu encontro, mesmo com um rosto belo (a admiração), me retiro ou se vou a fundo, mesmo se o rosto for o de uma maldição, porque tudo é uma provocação a entrar em relacionamento com Ele. Então, observemos se a companhia, toda vez que vem ao nosso encontro com um rosto ou outro, qualquer que seja o rosto com o qual aparece diante dos nossos olhos, é uma provocação: depende se me retiro ou se vou a fundo, se eu me empenho a ponto de reconhecer a que me introduz. A companhia sempre existe: às vezes pode ter um rosto, outras, pode ter outro, mas sempre me provoca. Em muitas ocasiões a companhia O torna de tal forma presente que me comovo até às lágrimas, como muitas vezes se mostrava a companhia de Jesus diante daqueles que viam a pesca milagrosa ou a tempestade acalmada. Estava de tal forma presente que era tudo, menos intimismo. Não há qualquer intimismo, tudo passa pelo relacionamento com a realidade através da qual o Mistério, Cristo, vem ao nosso encontro e, então, tudo se torna ocasião de relacionamento com Ele. E isso não depende do rosto com o qual vem ao meu encontro, porque o Mistério vem ao meu encontro, me chama, me solicita através de qualquer circunstância, como diz Davi, até através de alguém que ladra como um cão. O sujeito que está detrás do sinal, o rosto que está detrás do sinal, é sempre o Senhor, mas nós, muitas vezes, nos afastamos antes de podermos descobrir isso. Por isso, se nós não entendemos até o fundo que Ele se torna presente através de qualquer modalidade – porque a realidade é Cristo, e tudo o que vem ao meu encontro é sinal d’Ele –, tudo se torna uma objeção ao invés de ser uma ocasião para entrar na familiaridade com o Mistério.

Quanto mais a pessoa vai em frente, mais se dá conta de como não é humano dar a vida a algo totalmente anônimo, porque o tudo ao qual damos a vida, ao qual respondemos, apareça como aparecer, é uma pessoa, é Deus. Por isso, uma pessoa me pergunta: “Desta vez, precisei escrever. Acho que o trabalho de Escolha de Comunidade é uma coisa fantástica pela intensidade dos conteúdos e pela novidade que representa para a minha vida. Neste momento, não estou conseguindo ir em frente e para mim é crucial se não entendo quando leio, na página 140: ‘Não é humano dar-se, senão a uma pessoa; não é humano amar, senão a uma pessoa [Deus] [...]. Qualquer dever é, portanto, consciência da vontade de Deus’. Não entendi! Não entendi nada! O que quer dizer que Deus é uma pessoa? O que quer dizer que o ‘dever’ é a consciência da vontade de Deus? O que quer dizer que o agir do homem se identifica com a oração?”.

Em vez de dar outras explicações respondo com um testemunho: “A partir do que está me acontecendo e da Escola de Comunidade, lendo o ponto ‘O dom de si’ fiquei muito impressionado quando Dom Giussani escreve: ‘A existência humana se desenvolve no serviço ao mundo; o homem realiza a si mesmo entregando-se, sacrificando-se’. E um pouco adiante [a felicidade chega segundo esse paradoxo]: ‘Assim, nos é ressaltado o paradoxo dessa lei: a felicidade através do sacrifício. Quanto mais alguém a aceita, mais experimenta, já neste mundo, uma maior realização de si. Jesus a chamava paz’. Se eu não tinha nenhuma objeção em relação à primeira parte do capítulo, sobre a segunda, alguma coisa não me convencia [e conta que se apaixonou, que o amor não era

correspondido e, então, depois de muitas tentativas se irrita, evita o lugar onde poderia encontrar a moça porque ‘o que os olhos não veem, o coração não sente’; e não sabe como sair disso: como ele pode dizer que a felicidade pode chegar através desse sacrifício que, de fato, me é pedido? Nesse ponto, ao invés de continuar a virar o rosto para o outro lado ou de continuar fazendo todas as tentativas que tinha feito...]. Enquanto voltava para casa depois da Escola de Comunidade, pensei em quando tinha sido a última vez que tinha feito experiência de paz e plenitude [ao invés de seguir as nossas fantasias, partir, como sempre fomos educados, da experiência: quando foi a última vez que fiz experiência de paz e plenitude?]. Lembrei-me de quando voltei da Terra Santa, em janeiro. A circunstância não era diferente da que vivo agora: sempre a mesma não correspondência afetiva e a mesma dificuldade, mas eu me percebia sempre em relacionamento com Ele. Lembro-me de que no avião, olhando para baixo enquanto ele aterrissava em uma cidade – era noite –, eu olhava as luzes das casas das pessoas e pensava: ‘Senhor, te preocupas com todos eles, com todos nós, nos fizeste minúsculos, mas te interessas por todos e só podemos viver dentro de um relacionamento Contigo’. E dentro de toda a desproporção que percebia entre Ele e eu havia, no entanto, um relacionamento presente e vital. De volta às dificuldades cotidianas do estudo e do relacionamento com essa moça, compreendia como era esse relacionamento [esse relacionamento com a pessoa de Deus] que permitia tudo, que me libertava da escravidão do ‘como’ e da ‘forma’. Percebia como conseguia olhar para ela com uma ternura que me assustava, pela sua intensidade e pelo fato de não ser eu que a gerava, como quando uma mãe sente o filho se mexendo na barriga. É seu, está dentro dela, mas não é seu, não é ela que o faz se mover, tem vida própria, é um outro. Era assim a ternura que sentia por ela, ternura que me permitia não vê-la nem falar com ela, não para fugir dela, mas porque estava pleno de uma superabundância e isso tornava possível uma tranquilidade para estudar mesmo estando sozinho, uma tranquilidade para pegar os livros e me preparar para as provas... O que me falta é isso [para viver tudo assim, para que através desse sacrifício possa alcançar a felicidade, falta isso]. Fazendo memória de quando vivi essa paz dentro do sacrifício, entendi qual era o ponto que me faltava [E, então, se entende por quê e o quê quer dizer que Deus é uma pessoa]. Falta-me o relacionamento com Ele [com essa Presença], falta-me viver repousando na certeza da Sua presença carnal. Só estando em relacionamento com Ele posso amá-la gratuitamente [Ele não poderia dizer isso – como sabe qualquer um que tenha feito experiência – se não tivesse feito experiência disso, porque senão, como antes, dominaria só a falta e a irritação por não poder alcançá-la], seja a mil quilômetros de distância ou a cinco centímetros, sem ilusão nem dor. Cansado, sim, mas não destruído. Só assim posso afirmar o seu destino, amar o fato de que não sou eu o companheiro que ela escolheu, de que talvez este companheiro seja a pessoa que menos suporte e que menos imagino para ela. E, então, o sacrifício não é uma derrota, não é uma castração do desejo, mas é permitir a Ele tomar-me segundo o Seu desígnio, que é o meu verdadeiro bem. E não digo isso porque é a coisa certa a dizer, mas porque até um mês atrás isso era experiência. Desejo continuar me relacionando com Ele [veem até que ponto é isso que define a pessoa? Quando estamos dentro de um relacionamento, começamos a entender o que é Deus como pessoa]. E agora que não vivo plenamente esse relacionamento, sinto-me realmente órfão”. É tão real que quando cortamos esse relacionamento somos como uma criança que sente sua falta, sente-se órfã. E como esse relacionamento pode ser alimentado? A resposta está na experiência que nos contou: somente voltando a reconhecê-Lo como O havia reconhecido anteriormente, porque sabe que Ele existe e, portanto, pode se abrir constantemente à Sua presença.

Poderíamos continuar lendo outras contribuições, mas, como vocês veem, muitas vezes sem que elas respondam à pergunta. Todas são respostas verdadeiras, oferecem pontos que podem ser significativos, mas que não respondem à pergunta do capítulo: por que este capítulo responde a pergunta “Quem é Jesus?”, em que isso pode ser visto na totalidade do capítulo, no conjunto do capítulo?

Por isso, quero ler um trecho que pode ajudar a entender o nexo de todo o capítulo, mesmo com as dificuldades que venhamos a enfrentar. Na conclusão do oitavo capítulo, Dom Giussani diz: “Jesus Cristo não veio ao mundo para se substituir ao trabalho humano, à liberdade humana ou para eliminar a provação humana [...]. Ele veio ao mundo para chamar a atenção do homem para o fundo

de todas as questões, para sua estrutura fundamental e para sua situação real. De fato, todos os problemas que, pela provação da vida, o homem é chamado a resolver complicam-se ao invés de se solucionarem se certos valores fundamentais não são salvaguardados. Jesus Cristo veio chamar o homem para a verdadeira *religiosidade*, sem a qual toda pretensão de solução [dos problemas humanos] é uma mentira”. Aqui, Dom Giussani nos oferece um critério para verificar se estamos enfrentando de maneira justa os nossos problemas, os desafios que temos diante de nós e que não podemos evitar. “Jesus Cristo veio chamar o homem para a verdadeira *religiosidade*, sem a qual toda pretensão de solução [dos problemas humanos] é uma mentira [ele não usa meios termos: é mentira]”. Dom Giussani indica, na religiosidade verdadeira e na dependência vivida, o critério de juízo e de solução dos problemas humanos. Que responsabilidades e que trabalho suscita para cada um de nós a atual situação histórica e cultural italiana, na qual assistimos a tentativa por parte do poder, da política e dos meios de comunicação de transformar a ideia cristã de homem e de família, impondo desde os primeiros anos de vida uma educação (vejam a educação nas escolas segundo a ideologia do gênero)? Evidentemente contrasta totalmente com a verdadeira religiosidade e com a concepção de liberdade que dela deriva. É um tema que está fervendo. Há alguém aqui que não tenha ouvido falar desses desafios? Os jornais e as emissoras de televisão estão repletos dele. Então, cada um pode ver de que modo este capítulo lhe foi útil para responder a esse desafio porque, senão – primeiro – não entenderíamos de que modo este capítulo responde à pergunta “Quem é Jesus?” e, em segundo lugar, este capítulo seria reduzido a “espiritualidade nos moldes de CL”, mas depois, para responder aos desafios que aparecem precisaríamos utilizar outros meios, outros instrumentos. Por isso, quero responder com calma, para ser de ajuda para enfrentar tais questões.

LEITURA DO TEXTO DA PÁGINA UM DE *PASSOS*, Março 2014.

Notas da intervenção de Julián Carrón na Diaconia regional do CL - Milão, 25 de fevereiro 2014.

AVISOS:

A próxima Escola de Comunidade com Julián Carrón acontecerá quarta-feira, 26 de março, às 21:30. Trabalharemos o nono capítulo, “Diante da Pretensão”.

O Tempo da Quaresma e o Tempo Pascal sempre foram para a Igreja uma ocasião privilegiada para se colocar diante de quem é Jesus, do que fez, para que a nossa vida seja mais humana, mais verdadeira e mais feliz. Os Exercícios Espirituais, assim como os dias da Semana Santa para os universitários e os colegiais, foram pensados por Dom Giussani para ser uma companhia nesse trabalho. O convite para participar desses gestos é uma oferta à liberdade de cada um.

Veni Sancte Spiritus